

Os desafios da memória em direção às forças de criação¹

The challenges of memory in direction to the forces of creation

Aline Ribeiro Nascimento²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

Apresentação oral na defesa da tese de doutorado *Os desafios da memória em direção às forças de criação*, UNIRIO/PPGMS, 2011.

Palavras-chave: memória ontológica; memória social; genealogia das forças; memória do futuro; criação; Nietzsche

ABSTRACT:

Oral presentation in the defense of the doctoral thesis: *The challenges of memory in direction to the forces of creation*, UNIRIO/PPGMS, 2011

Key-words: ontological memory; social memory; genealogy of the forces; memory of the future; creation; Nietzsche.

Buscarei, nessa fala inicial da defesa, construir uma espécie de memorial das forças que compuseram essa tese. Não para encontrar no passado as bases do presente, mas para mostrar o caráter processual da memória, as forças em jogo na tessitura dos afetos que criam paisagens capazes de narrar a luta que se trava no corpo para que a escrita possa afirmar uma atitude política de vida, na vida. O que chamo atitude política é a *afinação* entre corpo e mundo, é *afirmação* daquilo que um corpo suporta afirmar a partir de vários agenciamentos que vão dando, ao corpo, cores e tessituras variadas. E essa *afinação* e *afirmação* se materializam na escrita.

Em outras palavras, a memória, construída a partir desse jogo de forças, é o que se materializa na escrita, mas não para gerar uma verdade acerca de quem somos, como se revelasse ou desvelasse nossa identidade ou pudesse criar uma cronologia, na qual haveria uma origem e um fim para o processo. Não é isso. O que está em jogo, na narrativa da memória, não são os fatos, mas *as forças que apontam para aquilo que está em vias de ser e para múltiplos sentidos à luta de forças*. Portanto, é interpretação de um, ou melhor, de vários processos que não se esgotam nas linhas da escrita, mas as linhas se abrem para os olhares que as vêem e mesmo para o próprio autor que as

desenhou, criando, assim, um campo infinito de possibilidades de interpretação, dependendo, é claro, do afeto que colore nosso olhar no momento em que caminhamos junto às linhas.

Essas linhas, portanto, não se encerram naquele que as desenhou e, além disso, elas também se delineiam a partir do jogo de forças do *socius*.

Como assim? Bem, segundo Nietzsche, sobretudo na obra *Genealogia da Moral*, a memória e o homem nascem junto ao *socius*, num jogo de produção e reprodução de valores, mas, ao mesmo tempo, esse jogo, em nosso corpo, pode nos levar a ultrapassar os valores desse *socius*, pois a memória também dota o homem de futuro, de criação de futuro, de um desejo de futuro, de invenção de novos valores.

O que isso significa? Significa, numa primeira instância, que não há separação entre indivíduo e sociedade. O indivíduo emerge junto aos valores de uma época e, sem que perceba, sustenta esses valores, faz deles um tipo de vida.

Em outras palavras, nosso corpo é o espaço de inscrição desses valores, através da memória, mas também dos afetos ligados a eles e de outros que os equivocam. Anteontem, por exemplo, esse jogo de valores no corpo me fez assumir uma atitude política anti-vital. Estava eu, num ônibus cheio, com muito peso e em pé. Havia uma poltrona vazia, porém ela ficava de frente para duas outras e nelas havia dois homens sentados. As forças ativas, vitais de meu corpo pediam para eu sentar, mas meu corpo de valores sociais não permitiu. Além disso, há mais de um ano estou em estado de clausura, totalmente misturada à função de escrever. Mal saía de casa e o empobrecimento do horizonte de agenciamentos fez com que eu ficasse um pouco fóbica; mas, ao mesmo tempo, produziu um excedente de energia que transbordou na escrita, como se pode constatar pelo tamanho da tese de quase 500 páginas.

Bem, em função da dimensão social se entrecruzando com a dimensão do presente das forças de meu corpo, ou seja, a dimensão daquilo que ele suportava afirmar naquele momento, no ônibus, a primeira coisa que pensei, ridiculamente, foi: não vou ficar à vontade, sozinha numa poltrona e de frente para duas pessoas estranhas. Vou sentir minha privacidade invadida e vou invadir a privacidade dessas pessoas estranhas.

Esse pensamento e essa atitude estavam carregados de uma outra tonalidade de afeto, um afeto burguês, aquele que aprendeu a esvaziar o público em favor do privado para preservar algo invisível e risível. Aí me lembrei de algo que se aprende desde pequena: não fale com estranhos! E, de repente, me vi lembrando também de uma história que minha mãe contava para eu dormir, que eu adorava e pedia para ela repetir

inúmeras vezes, que era a história de uma menina que mentia para a mãe. Dizia que ia para a escola, mas colocava brincos, pulseiras, colares e biquíni por debaixo do uniforme e ia para a praia. Lá chegando, encontrava o velho do saco, que puxava conversa com ela; ela correspondia e pluft, acabava dentro do saco do velho e tinha suas jóias roubadas por ele. Claro que, quando pequena, não sei bem se era o conteúdo da história que me fazia pedir para que ela fosse repetida, mas era a atmosfera de amor, de carinho, que permeava aquele encontro noturno. Até porque, no final das contas, a menina dava uma volta no velho, colocava pedras dentro do saco com o mesmo peso dela e assim conseguia enganá-lo, recuperar suas jóias e fugir da sua possível maldade, retornando para a sua mãe, mas arrependida por mentir e falar com estranhos.

Fica calma, ta, mãe? Você não me traumatizou. Até porque você fala com todos os estranhos que encontra!

Quando me toquei desse corpo de valores agindo em mim e desses muitos afetos atrelados a ele, ri de mim mesma, me estranhei e, ao mesmo tempo, percebi a força de sua produção política: o esvaziamento dos encontros, o não acolhimento da diferença. O perigo do novo. O medo das forças do acaso. Platão estava em mim. O Cristianismo também. E a ideia de um corpo burguês, típico da modernidade, também. Quantos valores em meu corpo, falando em mim! Mas Nietzsche e Foucault também estavam. Mas, ai, já era tarde. Alguém sentou no lugar vago!

Por essas e outras é importante questionarmos o valor desses valores para a vida, pois acabamos sucumbindo a algo que pode nos aprisionar. Precisamos, como diz Nietzsche, interrogar: tais valores ampliam ou adoecem a vida? São signos de saúde ou de declínio das forças?³

Essa primeira instância de interrogação é chamada de instância crítica, necessária para realizarmos um primeiro afastamento de nós mesmos. Lembro de uma frase de Foucault: é necessário realizar uma ontologia histórica do presente! Se eu estabelecer uma equivalência entre essa ontologia foucaultiana e a genealogia nietzschiana que certamente a inspira, posso afirmar que nos é possível criar uma outra memória. Como uma espécie de dobra efetuada na imagem e no exercício que até então valora o nosso modo de nos relacionarmos com nossas lembranças.

Ou seja, esse exercício crítico nos permite entender que os valores vão se modulando de acordo com as contingências. Há valores aderidos às lembranças, mas, de uma maneira simples, poderíamos dizer: *aquilo que é, nem sempre foi*. Logo, não existe propriamente o é, mas uma produção que congela o é, no mesmo. Que naturaliza os

valores, como se só pudessem existir de uma forma. Porém, quando percebemos que aquilo que se mostra perene, aquilo que parece o mesmo, nem sempre foi, ao longo da história, que o que tem conduzido nosso pensamento, atitudes e modo de lidar com os afetos é uma determinada interpretação que acabou se tornando hegemônica, então o que existe de real é um plano social movente que encontra, no homem, a ocasião para que ele o interprete e lhe dê sentido. O plano social é percorrido por forças, tal como nossos corpos. Cabe a nós percebermos a relação entre a tonalidade da interpretação social geradora de valores para a vida com os modos de existência que são produzidos por eles e que, ao mesmo tempo, os sustentam.

Dessa maneira, podemos dar passagem para novas interpretações e para novos afetos, pois além de percebemos que aquilo que somos está remetido aos valores de um determinado período histórico, isso também nos permite ver aquilo que estamos nos tornando, ao afirmarmos determinados valores. Como disse no início, essa é uma atitude política. Pode ser uma política de expansão ou de declínio das forças, dependendo da tonalidade dos nossos agenciamentos.

Ou seja, o que se coloca à mostra é o modo de existência que emerge junto à interpretação que damos ao mundo dos valores no qual estamos inseridos e, muitas vezes, tais valores se confundem com a nossa pele: ela pode repelir o estranho! Pior, ela, em função do hábito de repetir valores dados, se acostuma a repelir, pois aprendemos que o importante é nos conservamos na vida, e não nos expandirmos a partir dos encontros com as forças do acaso. Empobrecemos nosso corpo, pois não o alimentamos com os encontros! Sem agenciamentos novos, não é possível realizar um deslocamento no espírito para que entremos em contato com nossos valores vitais. Podemos nos cristalizar numa identidade, num valor social, que estagna nosso corpo numa forma, numa mesma forma, e, assim, não nos é possível criar novas paisagens afetivas e novas interpretações para a vida. Só repetimos um *script* com as mesmas cenas, com o mesmo sentido, porque não acionamos a multiplicidade que somos nós mesmos, passível de irromper somente quando nos abrimos às forças ativas da vida.

Por isso, Nietzsche dirá que o *socius* é formador da memória e do homem. Nessa co-relação estão presentes todas as referências de mundo que percorrem nosso corpo como um plano sensível e invisível, mas que, no entanto, se mostra presente nas linhas de nossa escrita, que é a nossa vida, como escrevemos a nossa vida, como a descrevemos, como construímos um modo de existir.

Esse plano comporta a história singular de cada um, ou melhor, os processos que criam singularidade e também a história de valores de uma época ou várias, dependendo da geração a que estamos remetidos, pois, quanto mais velhos somos, mais dimensões moventes da história dos valores nos percorre, de modo que podemos sentir, no corpo, as mutações dos valores em curso e, quando percebemos isso, estamos diante de um belo exercício de potência e possibilidade de desprendimento. Porque essa junção de narrativas cria um campo de forças, muitas memórias que lutam no corpo e que nos convocam a ultrapassarmos o tempo, quando nos abrimos a elas e conseguimos exercitar um certo distanciamento do presente.

Só nos é possível distanciar-nos se, junto às lembranças, invocamos o esquecimento, como a força que faz o passado passar, porque modela, seleciona e aciona aquilo que pode nos expandir, que pode lançar nossa memória para o futuro, ou seja, estar aberta para novos agenciamentos e assim, para a construção de novas narrativas, novas memórias. Ou melhor, só há esquecimento se houver agenciamentos potentes, que nos tiram do lugar, que nos desassossegam.

Assim, quando conseguimos construir novas narrativas percebemos que nosso corpo está lançado no mundo, que nossas forças são ativas e, assim, a realidade vai se apresentando de múltiplas maneiras, impensáveis até então. Aqui, pensar é igual a criar, e não buscar a verdade. Aqui estamos entrando em contato com a instância afirmativa da memória. Aqui pensamos que a vida não é pesada, que o retorno das histórias é virtude dadivosa, porque nos mantém ativos, demonstra a metamorfose das forças agindo em nossos corpos e que nos diferencia de nós mesmos, nos permitindo criar novos sentidos para a existência a partir da própria vida.

Esse processo não é fácil, porque a luta contra o tempo e a favor de um novo tempo implica na luta com a gente, com a forma pela qual nos reconhecemos. É difícil termos coragem de nos lançarmos às forças, mas é vital que nos lancemos, pois, somente estranhando a nós mesmos e suportando a tensão gerada pelo estranhamento é que efetivamente exercitamos a liberdade.

Ainda mais porque a forma pela qual nos reconhecemos no mundo, conforme apresentei ao longo de minha tese, está ligada a um certo modo de pensar e valorar a vida a partir de valores que estão desprendidos dela, seja a partir de um ideal de perfeição inalcançável, de uma necessidade de encontrar a estabilidade, a crença na perenidade dos valores ou uma estranha vontade de controlar os nossos passos no mundo. Ou seja, tendemos a nos afastar da vida inventando uma vida fora da vida, fora

da dimensão de variação e diferença que ela provoca e reivindica, a todo instante, em nossos corpos, tensionando-o. Pensando numa imagem para esse processo, diria que o corpo é composto de cordas que, tensionadas, criam acordes, ou seja, várias notas musicais ao mesmo tempo. Dessa maneira nascem canção e mundo. Dessa maneira nascemos, a todo instante. A vida é virtuosa. É dadivosa. Mas a virtude da vida não parte de um horizonte moral, mas de uma ética tecida na vitalidade dos corpos. Os acordes da vida estão nesse jogo de forças que produzem estranhamento no corpo. Esse estranhamento são os afetos que pedem passagem nele. Se obstaculizarmos os afetos, não criamos canção; não fazemos, da vida, uma vida.

Mas, como diz Nietzsche: estamos mergulhados na negação da vida porque julgamos, o tempo todo, como ela deveria ser.⁴ Passamos a pensar a vida fora da vida e, dessa maneira, transformamos o pensamento numa instância judicativa. Tendemos, assim, a não dar passagem para os afetos e com isso, não a afirmamos em toda sua extensão, não deixamos que sua tonalidade alta, sua dimensão artística, se apresente a nós. Não criamos porque não experimentamos a nossa força, ou a força da vida, em nós.

Quando sentimos uma dor, inventamos um antídoto para nos salvar dela fora da vida, fora daquilo que ela é: luta, tensão e alegria da ultrapassagem. Ou seja, a dor não é a paragem do processo, mas o impulsionador do processo, é uma convocação vital para resistirmos, para insistirmos em resistir, é um pedido das forças ativas da vida para que descongelemos uma paisagem, para que permitamos que novos afetos percorram nossas veias, se misturem ao nosso sangue, para que não coagulemos.

Tendemos a ser reativos e a construir um pensamento reativo. A memória, interpretada como aquilo que congela uma lembrança e faz dela uma verdade, nos impede de caminhar e lutar. E a proposta nietzschiana é encontrar a alegria na luta, afirmando a luta como espaço agonístico que, a cada embate, nos possibilita fazer de nós mesmos obras de arte abertas a tudo aquilo que pode nos diferenciar de nós mesmos. Nossa liberdade está em criar a nós mesmos o tempo todo. Inclusive, criar novas memórias.

E, como lindamente comenta Claudia Camuri na sua dissertação acerca do desassossego do cartógrafo: “Cada palavra que sai de minha boca ou de minhas mãos é composta de muitas forças e vozes”⁵. Revela, como assinala Guattari⁶, “mais uma lógica dos afetos, do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos”. O que, dito pela escrita- voz de Pessoa e suas múltiplas vozes, nos leva a pensar se “a minha voz, aparentemente tão pouca coisa, não encarna a substância de milhares de vozes...”⁷

A voz, a escrita, a liberdade e a construção de novas memórias estão, portanto, em saber que o que dizemos está sempre remetido aos agenciamentos, sempre coletivos, que põem em jogo a multiplicidade que somos nós, que é a vida. Quando falei, logo no início da apresentação, das linhas da escrita, me remeti aos diversos planos que as movem e a duas dimensões da memória que habitam nossos corpos: a ligada aos valores e aquela ligada aos afetos. Elas não estão separadas. Por isso, penso a memória como aquilo que se faz a partir dessas linhas, no espaço de encontro entre elas e encontra, no corpo, sua expressão e sua possibilidade de expansão, de criação de um futuro a partir das linhas. Como diz Gonzaguinha: “é tão bonito quando a gente pisa firme nessas linhas que estão na palma de nossas mãos, é tão bonito, quando a gente vai à vida, nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração, porque (...) é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá!”⁸

Por isso, caminhando por tantas linhas afetivas e percorrendo os planos da memória, fui convocada a habitar outras vidas em mim e fora de mim, fazendo com que o título dessa tese se materializasse como “Os desafios da memória em direção às forças de criação”.

Esse título emergiu somente depois de outros títulos. Ele, por si só, é o efeito de inúmeras forças que me atravessaram e compuseram paisagens afetivas variadas, durante os quatro anos de estadia no programa de pós graduação em Memória Social da Unirio, bem como outras que fazem parte da singularidade da minha existência.

Aline Ribeiro Nascimento
Doutora em Memória Social
E-mail:alinenascimento_unirio@yahoo.com.br

¹ Este texto foi produzido para a defesa da tese de doutorado, ocorrida em 17 de junho de 2011, no Programa de Pós-Graduação em Memória social da UNIRIO, vinculado à linha de pesquisa “Memória, subjetividade e criação”. A banca foi composta pelos professores-doutores: Jô Gondar, Cristina Mair Barros Rauter, Auterives Maciel Junior, Mario Bruno e Miguel Angel de Barrenechea (orientador).

² Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, na qual defendi a dissertação de mestrado intitulada “O que é a psicologia para Nietzsche?” e Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na qual enfoquei a questão da memória em Nietzsche.

³ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*, tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.9.

⁴ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos finais*. Seleção de fragmentos póstumos por Flávio R. Kothe, Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 70. Nas palavras de Nietzsche: “A crença de que o mundo que deveria ser é, que ele existe realmente, é uma crença dos improdutivos, dos que não querem fazer um mundo como ele deveria ser. Eles o postulam como já disponível, e apenas procuram caminhos para se chegar até ele. - Vontade voltada para a verdade - como impotência da vontade de fazer”.

⁵ Cf. CAMURI, Ana Claudia. *Cartografia do desassossego: um olhar clínico-político para o encontro entre os psicólogos e o campo jurídico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, p.18.

⁶ Cf. GUATARRI, Felix. Linguagem, Consciência e Sociedade. Revista Saúde e Loucura, São Paulo: Hucitec, n. 2, p. 3-17, 1990, p.8.

⁷ Cf. PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 *apud* Camuri, 2010, p.18.

⁸ GONZAGUINHA. “Caminhos do Coração”. In LP: Caminhos do coração, EMI/ODEON, 1982.